

# DIVERSIDADE

Olá a todos,

Essas grandes questões conceituais, da deficiência, da nomenclatura, são objetos de reflexões minhas e minhas mensagens ao grupo, mais do que uma crítica a uma ou outra postura, são exercícios nesse processo reflexivo. De início, tenho muita resistência ao termo deficiência (intelectual, física, mental, motora, visual, auditiva, múltipla, etc), ois não há como não interpretá-lo a partir de um parâmetro como da falta, da insuficiência. Não se denomina alguém deficiente, sem que se conote uma subvalorização em relação a determinada característica, em relação a um grupo de pessoas ditas eficientes.

A idéia que tenho construído em torno do tema, é que não temos o direito de denominar a qualquer um como deficiente de qualquer natureza. A deficiência (como a inteligência) não está propriamente na pessoa, mas nas relações que essa pessoa trava com o mundo e com as outras pessoas. Uma pessoa dita deficiente físico, um cadeirante, por exemplo, não é deficiente, a menos que tenha que transpor uma escada, passar por uma calçada estreita, com carros estacionados em cima dela, etc. A pergunta é simples: ele é o deficiente? Ou nós, como sociedade opressora, massificante, normalizante é que lhe roubamos a capacidade que tem de locomover-se? E depois ainda lhe dizemos que a culpa deriva de sua deficiência.

Do mesmo modo, penso, desenvolvemos nossa relação com a deficiência intelectual. Rotulando-os como deficientes, transformamos nossa relação com eles, dirigindo-a para a produção da deficiência, deixando de oferecer e proporcionar um contexto humano que possibilite a superação. Algo como não estacionar um carro em cima da calçada, elo simples respeito à possibilidade de que alguém em cadeira de rodas tenha de passar por ali. Ah, dizemos, a maioria das pessoas é andante, é muito raro um cadeirante, só um pulinho ali e já volto. Só esse pulinho, e colocamos em evidência, por meio de nossa relação com o mundo, a deficiência de uma rara pessoa. O que colocou de manifesto a tal deficiência foi a nossa atitude, não a lesão da medula de uma determinada pessoa, em cujo caminho havia um carro estacionado. Mas nem nos reocupamos, pois o rotulamos de deficiente e lhe transferimos a responsabilidade de não conseguir transpor o obstáculo que lhe impusemos.

Na verdade, raramente nos preocupamos, porque é um pouco raro um cadeirante ter de passar pela calçada, no momento em que tivemos que estacionar o carro ali. A nossa visão de mundo, como a visão médica, aparta um pouco as bordas, quem está de fora, é um deficiente, não há porque preocupar, o erro será pequeno. Como os investigadores científicos, fazemos uma aposta e podemos acertar em 95% dos casos. A nossa aposta contudo, está errada. 95% não é igual a 100%. Não há inclusão possível se apartamos as bordas da curva populacional, deixando uns de fora, por que estão fora do padrão esperado.

Na verdade, até nos impacientamos com os fora de padrão. No transito, por exemplo, esperamos que todos dirijam a um mesmo padrão, se há um lento à frente, já nos irritamos, xingamos. Não há um respeito a um Sr. ou Sra. de 80 ou 90 anos, ainda independente, se locomovendo de um canto a outro, já lhe dizemos: "vai para casa, vovô!". Eu digo, as outras pessoas no trânsito é que não lhe dão o espaço, que lhe

produzem a deficiência. Por que não dirigimos também dando vez para os que dirigem mal (deficientes de direção?)? Porque não estamos interessados nas bordas da curva. Para dirigir, é necessário dirigir dentro do padrão. A velocidade tem de ser aquela queremos imprimir: sai da frente, tartaruga! Há a seguinte situação: nas estradas mineiras, coisa que não falta é serra, subidas íngremes, por quilômetros e quilômetros. A pista dupla ajuda, mas em retorno de feriado, o número de veículos aumenta, todo mundo querendo chegar antes. Há veículo de todo tipo, caminhões de carga que na subida não passam de 60 ou 80. Uma scania novinha, carregada, que pode andar a 90 sem dificuldade. Os carros de passeio vão a 110 ou 120. O caminhão lá na frente é esse, com carga pesada, é mesmo lento. A scania é um pouco mais rápida, mas ainda lenta, nós é que somos mais velozes. Não damos vezes para a Scania. Vamos direto, não podemos nos atrasar. Nosso carro é mais veloz.

Há outro modo de pensar. Imaginemos agora os motoristas, cada um na sua boléia (acho que até nos imaginamos em um cock-pit). Somos pessoas. Não nos custa dar a vez ao motorista da Scania. Em poucos segundos, ele passa o caminhão, em seguida nos dá a vez, trocamos buzinas, e seguimos adiante, ele talvez pensando que consegue entregar a carga mais cedo, vai descansar, encontrar com a família, coisas que uma pessoa (não o caminhão) faz.

Mudemos o ambiente para uma sala de aula. Há os alunos que aprendem rápido, aqueles que aprendem como uma carreta, devagar, mas carregam muito conteúdo, outros aprendem mais devagar um pouco. Como viajar numa estrada, queremos mais é que os lerdos fiquem para trás, mas que não nos atrasem chegar primeiro. É sempre essa coisa do chegar primeiro. Perdemos o gosto do caminhar, a satisfação de desenvolver as relações humanas, mesmo que seja entre motoristas que trocam buzinas de agradecimento.

As denominações, a nomenclatura, surgem da nossa relação com o mundo. Chamamos a um de deficiente, outro de lerdo ou roda-dura. Se rotulamos a um deficiente, estabelecemos com ele uma relação que lhe atribui a deficiência. Até dizemos que é um fardo que ele porta ou carrega. Mas não é pela lesão da medula, ou por uma dificuldade de aprender como os outros, que se produz a deficiência. É na nossa relação com o mundo que essa se origina.

Precisamos é mudar nossa relação com o mundo, tirando a oportunidade de que surja o contexto produtor de deficiência. A nossa postura na vida, no trânsito ou na sala de aula, deve ser a de respeito à diversidade. Temos de romper determinados conhecimentos que nos dão permissão de lidar apenas com o padrão, sem considerar que há mais no mundo, do que esse universo restrito.

Gil Pena